



Reflexões sobre entraves psicológicos- psicossociais para viver a proposta de *primeirear* do Papa Francisco

Recebido: 26/06/2017. Aprovado: 31/07/2017.

*Geraldo A. Fiamenghi-Jr**

*André L. Bordignon-Meira***

Resumo: *Este artigo discute a noção do primeirear, proposta pelo Papa Francisco, em sua visão de Igreja como missionária, alegre e atenta às necessidades do povo de Deus, e os entraves psicológicos e psicossociais de uma sociedade narcisista, que levam a rejeitar e impedir esse movimento para as necessidades do outro.*

Palavras-chave: *Primeirear. Papa Francisco. Psicologia.*

Abstract: *This paper discusses the notion of taking the first step, proposed by Pope Francis, in his vision of the Church as missionary, joyful and attentive to the needs of God's people, as well as the psychological and psychosocial hindrances from a narcissistic society that lead to rejection and prevention of this movement towards other people's needs.*

Keywords: *Taking the first step; Pope Francis; Psychology.*

* PhD em Psicologia (The University of Edinburgh). Mestre em Educação (UNICAMP). Psicólogo (PUC-Campinas). Professor e Supervisor no curso de Psicologia (FAAT – Faculdades Atibaia).

** Mestrando em Teologia (PUCSP). Filósofo (PUC-Campinas). Teólogo (PUC-Campinas). Pároco (Paróquia Jesus Cristo Libertador, Arquidiocese de Campinas).



1 Como se caracteriza o '*primeirear*'

'*Primeirear*', no dicionário do Papa Francisco, é envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar¹, que faz da Igreja um lugar de acolhida e de saída dos discípulos-missionários, como fica claro na referência ao Documento de Aparecida, para que a Igreja Universal sinta essa alegria da fé, presente na Igreja latino-americana. No número 159 do Documento de Aparecida, evidencia-se que revivemos uma mudança de época marcada por uma opção religiosa como pessoal, e não mais passada por tradição familiar². A expressão nítida do Papa é mostrar, na sua Exortação Apostólica *A alegria do Evangelho*, que a Igreja, com suas comunidades, deve tomar a iniciativa de ir sempre sem medo, ao encontro e procurar todos os afastados e feridos nas periferias existenciais e geográficas. A maneira de realizar esse caminho é o envolver-se, como Jesus se envolvia com as pessoas, sentia o cheiro das ovelhas que o Pai lhe confiou, acompanhando os seus discípulos e frutificando as suas ações para a alegria de festejar a conversão de cada pecador (Lc 15,6-8; 9,32), celebrando cada pequena vitória e cada passo. "A Igreja 'em saída' é a comunidade de discípulos missionários que '*primeireiam*', que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa!"³.

A tática missionária de *primeirear* manifesta o sentimento contrário à tristeza individualista e de consciência isolada, presente no coração da sociedade atual. Como frequentemente expressa o Papa Francisco, o cristão não deve ter cara de túmulo, mas sim manifestar a alegria em cada pequena conquista que realiza, pela prática do Evangelho e da misericórdia⁴. A alegria de evangelizar é sempre doce, independente do resultado obtido, pois é cativante e recompensador compadecer-se e estar com o outro. A doação da vida é a proposta que nunca envelhece, mas rompe e nos surpreende sempre, e faz qualquer plano de pastoral e ação evangelizadora terem um novo frescor e serem uma ação sempre nova.

O verbo *primeirear* faz com que o Papa, bispos, padres e leigos não sejam o evangelizador, mas sim lembrem-se do seu mestre, que é o Cristo, como primeiro evangelizador. A eles cabe a alegria de comemorar com

¹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, 2013a.

² FRANCISCO, 2013a, p. 14.

³ FRANCISCO, 2013a, p. 21.

⁴ FRANCISCO, 2013a, p. 80.



o seu Senhor (Lc 15,22-23) cada conquista da missão evangelizadora. Um novo paradigma pastoral ao nosso tempo se faz urgente e necessário, movido pela conversão pastoral que implica tomar a sério cada pessoa e o projeto que Deus tem para ela⁵.

O *locus* teológico do *primeirear* é toda pessoa que está longe do carinho misericordioso de Deus, e o Espírito Santo é quem inspira e move a ação do discípulo de Cristo para devolver a alegria da fé e do Evangelho àquele que se afastou do amor de mãe da Igreja, ou seja, por atração e não proselitismo⁶. A maneira de realizar esse caminho é quebrar as fórmulas pastorais prontas e romper os seus esquemas, que muitas vezes causam medo nos fiéis, nos agentes de pastoral e nas pessoas afastadas da Igreja⁷.

2 Algumas questões psicológicas e psicossociais que dificultam a vivência do *primeirear*

A proposta do *primeirear* confronta com uma realidade humana bastante distanciada do encontro e da valorização do outro.

Desde as últimas décadas do século XX, pode-se perceber um movimento cada vez mais organizado em direção a uma posição individualista, exclusivista, de preocupação autocentrada e, pior, valorizando tais atitudes como acertadas e festejadas, inclusive.

Algumas formas inadequadas de conceber a psicologia tiveram grande importância nesse movimento individualista. Trata-se de uma distorção no propósito das primeiras ideias psicológicas, a partir da pressão de grupos sociais, que, se por um lado, garantiram os direitos de certas porções significativas da sociedade, por outro se esqueceram de valorizar a própria vida, o tecido fundamental da existência.

Observamos, hoje, uma sociedade na qual o “cientificismo foi erguido como uma religião e... ciências cognitivas valorizam o homem máquina, em detrimento do homem desejante”⁸, com todas as consequências possíveis, evitando qualquer situação que possa mostrar a realidade dos indivíduos, valorizando a massa, porque impessoal e manipulável.

⁵ FRANCISCO, 2013a, p. 160.

⁶ FRANCISCO. *Omelie del mattino*. Vol. 2. Roma: Vaticana, 2013b.

⁷ BERGOGLIO, J. M. *Deus não se cansa de perdoar*. Mensagens de misericórdia. São Paulo: Ave Maria, 2014.

⁸ ROUDINESCO, Elisabeth. *Pourquoi la Psychanalyse?* Paris: Fayard, 1999. p. 15.



Deixou-se de considerar as características básicas que nos tornam humanos, que foram gradativamente implantadas nos nossos processos psíquicos; elas têm sido sistematicamente contestadas, em nome de uma modernização, uma libertação de estruturas nomeadas como opressivas, mas que garantiam ao psiquismo a organização em parâmetros significativos e faziam a transição da infância para a vida adulta⁹.

Assim, estruturas fundamentais que compreendem o desenvolvimento humano, nas vivências familiares e sociais, foram esquecidas e desvalorizadas, com consequências nefastas para nossa época. “Tem-se a ilusão de uma liberdade sem restrições, de uma independência sem desejo e de uma historicidade sem história; o homem de hoje é o contrário de um sujeito”¹⁰.

Em primeiro lugar, as necessidades fundamentais das pessoas foram consideradas supérfluas, para curvar-se às exigências econômicas, que retiraram da família a responsabilidade pela criação dos filhos.

Hoje, cada vez mais cedo, as crianças são retiradas do convívio familiar, em nome de uma socialização, quando tal função deveria ser desenvolvida no meio familiar; passam a maior parte de suas vidas em circunstâncias restritivas e controladoras, com pouco, ou nenhum envolvimento afetivo. Pior do que isso, ainda, valoriza-se, desde tenra infância, a competição exacerbada, o controle rigoroso do cotidiano, aliado ao descontrole do desejo, que é soberano, e necessita ser satisfeito, a qualquer preço. A psicanálise nos ensina que a competição somente deveria ser incentivada após os 9 ou 10 anos de idade, “quando a competição e a rivalidade são deserotizadas, no senso edipiano do termo, e são sublimadas socialmente”¹¹.

Nessa perspectiva, especialmente com a ausência de figuras parentais estáveis e organizadoras, encontramos pessoas sem orientação, incapazes de viver um processo de limites, sem que haja uma cesura edipiana, um confronto com o princípio da realidade, em detrimento do princípio do prazer¹². Quando tal processo não se resolve, as pessoas, embora crescidas, vivem numa infância psíquica permanente e, de fato,

⁹ FREUD, Sigmund. *Totem y Tabú*. Madri: Ballesteros, 1913.

¹⁰ ROUDINESCO, 1999.

¹¹ DOLTO, Françoise. *L'échec scolaire*. Paris: Vertiges du Nord, 1989.

¹² LACAN, Jacques. *Les quatre concepts fondamentaux de la Psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.



até hipertrofiadas, nos aspectos físicos, sem responsabilizar-se pela própria vida¹³. Esquecem-se de que, aquilo que foi definido por Freud como fase genital, envolve, fundamentalmente, a capacidade para superar frustrações, estabelecer relações adultas, em uma perspectiva realista e capazes de gerar e suprir as necessidades de uma próxima geração^{14,15}.

De maneira geral, as crianças que se desenvolvem sem relações afetivas estáveis, sem limites colocados por figuras parentais continentas, tendem a transformar-se em adultos inseguros, desconfiados e, fundamentalmente, pessoas que não reconhecem os próprios erros, e projetam nos outros suas dificuldades e incapacidades. Transformam-se em indivíduos narcisistas, cujos umbigos são o centro do universo, sem capacidade de enxergarem o outro, a menos que este tenha alguma utilidade a seus propósitos egocêntricos¹⁶.

Cada criança que vive sem afeto¹⁷ tende a acreditar que o mundo lhe deve alguma coisa e não consegue enxergar no outro uma possibilidade de compartilhar. Assim, cresce insegura e desconfiada, duvidando dos relacionamentos estáveis e relutando em fazer parte deles. A solidão toma conta de sua vida e não é surpresa a constatação de que nossa sociedade é depressiva, dependente de medicamentos para ser feliz e relacionar-se com os outros¹⁸.

A medicalização indiscriminada, que ocorre atualmente, “tem como efeito normalizar os comportamentos e suprimir os sintomas mais dolorosos do sofrimento psíquico, sem buscar seu significado”¹⁹.

¹³ LACAN, 1973.

¹⁴ FREUD, Sigmund. *Tres ensayos para una teoría de la sexualidad*. Madri: Ballesteros, 1905.

¹⁵ DOLTO, Françoise. *Psychanalyse et Pédiatrie*. Paris: Seuil, 1971.

¹⁶ A propósito do que se pode denominar ‘civilização umbilical’, veja-se, FIAMENGGHI-JR, Geraldo A. et al. Representação da família brasileira na mídia. *Pensando Famílias*, v. 10, p. 87-99, 2006.

¹⁷ A maior parte das pessoas acredita que afeto refere-se apenas a carinhos, beijos, abraços. Contudo, esquecem-se de que agressividade, violência, abuso, também são formas de afeto. De fato, muitas crianças abrigadas devido a abuso e maus tratos, desejam voltar a viver com pais abusivos, pois é a única forma de afeto que conheceram!

¹⁸ Curiosamente, quando se trabalha com pacientes em CAPS (Centros de Atenção Psicossocial, um serviço de atendimento àqueles que, antes da reforma psiquiátrica, habitavam os hospitais psiquiátricos, os famosos ‘manicômios’), constata-se que eles buscam a medicação cotidiana, e a denominam ‘remédio da alegria’!

¹⁹ ROUDINESCO, 1999.



Portanto, não é de se admirar que a maior parte da população infantil seja diagnosticada como hiperativa, autista, deficiente intelectual e, ao crescer, torna-se depressiva, obsessiva, bulímica, e todos os outros quadros descritos nos manuais de psiquiatria.

Este é um mundo composto por pessoas individualistas e amedrontadas, sem famílias, sem apoio, competindo pela sobrevivência, numa realidade cada vez mais virtual, cujos vínculos são definidos pelas chamadas ‘redes sociais’, que, no fundo, deveriam ser denominadas redes antissociais, pois afastam as pessoas do convívio real.

E, num mundo assim definido, como se pode viver a proposta do *primeirrear*? Ela contrasta com as imposições da vivência psicológica atual, embora seja a base do psiquismo humano!

O desenvolvimento psíquico humano não pode prescindir das relações interpessoais, do contato físico e afetivo, do olhar, da fala, da partilha das emoções, do sentimento de pertencer a uma estrutura de apoio.

As pesquisas sobre psiquismo fetal têm apresentado resultados surpreendentes, que confrontam a visão preestabelecida de que os bebês só começam a relacionar-se após o nascimento. Além de mostrar uma vida intrauterina rica, tais pesquisas destroem a posição atual de que um aborto até o terceiro mês de gestação seria possível, justificando que o feto ainda não seria inteiramente humano. Em qualquer ponto da gestação, o aborto destrói uma vida complexa, da qual se conhece ainda muito pouco.

Desde a capacidade bastante prematura de realizar movimentos corporais (por volta de 7 semanas de gravidez!^{20,21}), até as primeiras expressões emocionais (por volta do final do 3º mês de gestação²²), passando pelas habilidades de diferenciar a voz feminina da masculina²³,

²⁰ SUZUKI, S.; YAMAMURO, T. Fetal movement and fetal presentation. *Early Human Development*, v. 11, p. 255-263, 1985.

²¹ DE VRIES, J. I. P.; VISSER, G. H. A.; PRECHTL, H. F. R. The emergence of fetal behavior. I. Qualitative aspects. *Early Human Development*, v. 7, p. 301-322, 1982.

²² CARON, A. J.; CARON, R. F.; MACLEAN, D. J. Infant discrimination of naturalistic emotional expressions: The role of face and voice. *Child Development*, v. 59, p. 604-616, 1988.

²³ BIRNHOTZ, J. C.; BENACERRAF, B. R. The development of human fetal hearing. *Science*, v. 222, p. 516-518, 1983.



identificar a língua materna²⁴ e os batimentos cardíacos da própria mãe²⁵, todas ainda na vida intrauterina²⁶, o feto demonstra o que se denomina capacidade intersubjetiva, isto é, uma habilidade inata em estabelecer trocas entre estados internos com outras pessoas^{27,28}.

E, após o nascimento, o bebê necessita de figuras estáveis e afetivas, que possam auxiliá-lo a organizar seu mundo novo, cheio de estímulos diferentes e significativos. A palavra dita (e, muitas vezes não dita, ou *mal-dita*) pode ajudar a crescer, como também a destruir. A criança escuta, desde sempre, desde o útero e está sempre atenta ao que falam com ela (e sobre ela). Deve-se compreender que “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas”²⁹. Aquilo que se diz à criança tomará um significado que muitas vezes não se consegue decifrar, porque se vincula a cadeias inconscientes, ligadas por elementos nem sempre claros e explícitos, mas que adquiriram um sentido para aquele que ouviu³⁰.

Assim, aquilo que o Papa Francisco expressa no seu *primeirar*, não é apenas uma expressão religiosa, mas, fundamentalmente, é também uma necessidade humana, de experimentar trocas e vivenciar partilhas.

Porém, uma sociedade competitiva, materialista, que procura a todo custo provocar o esquecimento daquilo que nos faz humanos, contrapõe-se a tudo o que possa questioná-la e propor uma revisão de princípios e uma retomada de relações humanizadoras e genuínas. Relações que confrontam tudo aquilo que uma sociedade desigual (embora autodenominada ‘democrática’) rechaça: a realidade do sofrimento, da morte, da violência. Um olhar para o outro desvalorizado, que necessita

²⁴ MURPHY, K. P.; SMYTHE, C. N. Response of foetus to auditory stimulation. *Lancet*, v. 5, p. 972-973, 1962.

²⁵ SALK, L. Mothers' heartbeat as an imprinting stimulus. *Transactions of the New York Academy of Science*, v. 24, p. 753-763, 1962.

²⁶ É extraordinário que tais experiências perceptivas, especialmente as auditivas, sejam vivenciadas num ambiente aquoso (o útero), no qual, teoricamente, a propagação sonora é muito limitada!

²⁷ TREVARTHEN, Colwyn. Communication and cooperation in early infancy. A description of primary intersubjectivity. In M. BULLOWA (Ed.), *Before speech: The beginnings of human communication*. London, Cambridge University Press, 1979.

²⁸ TREVARTHEN, Colwyn; HUBLEY, Penny. Secondary intersubjectivity: confidence, confiders, and acts of meaning in the first year. In M. BULLOWA (Ed.), *Before speech: The beginning of interpersonal communication*. New York, Academic Press, 1978.

²⁹ LACAN, Jacques. Fonction et champ de la parole et du langage en Psychanalyse. In J. LACAN, *Écrits*, v. I. Paris: Ed. du Seuil, 1970. p. 276.

³⁰ É São João quem nos garante: “No princípio, era o Verbo” (Jo 1,1)!



de amparo, a pessoa, não um número a mais dentro de uma estrutura massificada e anônima.

3 A tática pastoral do Papa Francisco

A mudança de paradigma de nossa sociedade, desde o final da Segunda Guerra Mundial, caminhou para um mundo modernizado, no qual as liberdades individuais estariam garantidas por um Estado democrático, mas cuja principal característica é a normatização, criar um padrão comum a ser seguido e eliminar sistematicamente, mas de forma velada e insidiosa, qualquer tentativa de confronto.

A medicalização, cada vez mais precoce e generalizada devida à categorização de transtornos psicológicos e psiquiátricos mais ampliados³¹, propõe um incentivo ao uso de medicamentos, mantendo o controle individual, em detrimento de uma possibilidade de expor os conflitos, de falar sobre as dificuldades, de procurar ajuda pela partilha e convívio. Sintomático (e, de fato, paradoxal) dessa sociedade é o aumento nos casos de suicídio entre os jovens³² e na velhice solitária e abandonada³³.

Além disso, a falta de figuras parentais estáveis, de estruturas familiares organizadas, de limites e regras estabelecidas, levaram as pessoas a uma experiência egocêntrica e narcisista, desvalorizando o outro, encarando os semelhantes como meros objetos descartáveis, úteis apenas enquanto satisfazem seus desejos.

Em tais condições, como se pode efetivar o *primeirrear*, segundo a proposta do Papa Francisco? Como sair de si e ir em busca do outro, do diálogo, da partilha, da evangelização, na alegria?

O primeiro ponto deve ser o reviver em Cristo, buscar sua presença, muitas vezes esquecida, ou soterrada diante dos desafios do cotidiano.

Convido todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo

³¹ APA. *DSM-V*. Porto Alegre: ArtMed, 2014.

³² DELL'AGLIO, Denise, BRAGA, L. L. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Revista Contextos Clínicos*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 2-14, 2013.

³³ A edição online do jornal *The Guardian*, no dia 05/01/2017, expõe que, na Grã-Bretanha, um dos países mais ricos do mundo, meio milhão de pessoas, acima de 60 anos de idade, vivem absolutamente sozinhas, sem qualquer interação com outros, às vezes por quase uma semana, segundo pesquisa da organização Age UK.



*menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por ele, de o procurar dia a dia sem cessar*³⁴.

O segundo ponto trazido pelo Papa Francisco é a alegria. O cristão católico é alegre. Essa alegria não significa fingir que não se sofre, mas enfrentar o sofrimento com a certeza da presença de Cristo em nossa vida: “o Evangelho, onde resplandece gloriosa a cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria”³⁵.

A conversão pastoral só acontece quando não existem paradigmas estruturais do ‘sempre foi assim’, mas um sentido único, que exige uma conversão pessoal que faça compreender a amizade e a misericórdia oferecida sempre por Jesus. A pastoral missionária do *primeirizar* promove um encontro de relações com as pessoas, e exige uma saída de nós mesmos para o encontro com o outro, promovendo a cultura do encontro. Isto supõe um contato real, concreto e próximo com as pessoas e entre elas próprias³⁶.

Cada pequeno passo e conquista desse método de prática pastoral e de missão conduz a uma Igreja, que está sempre de portas abertas para sair ao encontro e também para acolher aqueles que buscam encontrar a misericórdia do Pai. Os porteiros das Igrejas (bispos, padres, agentes) não devem ser controladores de quem deve, ou pode entrar, mas, de fato, serem enfermeiros de um hospital de campanha, que toma nos braços os feridos de seus pecados e os põem no seu interior, para curá-los e dar-lhes o suporte necessário aos seus cuidados.

*Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças [...], que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos [...]. Espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juizes implacáveis, nos hábitos de nos sentirmos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6,37)*³⁷.

Num mundo marcado por várias tecnologias e falta de relações entre as pessoas, é necessário aprendermos a escutar e olhar as pessoas

³⁴ FRANCISCO, 2013a, p. 4.

³⁵ FRANCISCO, 2013, p. 6.

³⁶ BERGOGLIO, 2013.

³⁷ FRANCISCO, 2013, p. 35.



como Jesus fazia no Evangelho. Numa sociedade do descartável, provisório e líquido, a relação de contato e encontro oferece uma proposta que cura as feridas, fortalece os vínculos, exige estreitar os laços, promove comunhão e solidez. A espiritualidade do missionário que *primeireia* não é desesperança de psicologia de túmulo, ou da falta de tempo, mas daquele que nunca lhe deixa roubar a esperança e está sempre buscando a alegria, mesmo que lhe ofereçam tristezas e doa todo seu tempo para transformar a realidade que está ao seu redor, para uma cultura de encontro e de alegria. A tentação da derrota, pessimismo, lamentação, desencanto e da cara azeda não devem fechar ao egoísmo, que impede a alegria de se encontrar e comemorar as conquistas realizadas pelo Evangelho, sejam do tamanho que forem³⁸.

A palavra motivadora de um *primeireador* é de que nunca deixem que lhe roubem a esperança e a alegria, que brota do movimento de sair de si mesmo para se encontrar com outro. O fechar em si mesmo é perder para uma opção egoísta de um mundanismo e fuga do encontro com o outro. O desafio a ser superado é sempre de não deixar perder a alegria e a esperança de promover uma força missionária, que proporciona uma urgência para as pessoas se relacionarem, se encontrarem e serem curadas das suas feridas. A Igreja, na sua atuação, deve ser fermento do amor e da misericórdia de Deus no meio das pessoas, para que possam sentir como Deus as acolhe e as perdoa.

4 Considerações finais

A tarefa de *primeirear* é diária, com cada pessoa que se encontrar, mas não de modo formal, com técnicas pastorais já escritas ou consagradas; antes, trata-se de estar no cotidiano informal com uma disposição permanente de levar a alegria e o amor do Cristo em qualquer lugar do caminho, seja numa rua, praça, trabalho ou escola. A atitude da humildade é que promoverá essa festa do encontrar-se, acompanhar e envolver-se na vida de cada pessoa com quem nos deparamos no nosso caminho (Jo 15). Assim, a preocupação pastoral não se finda no ambiente de uma comunidade da Igreja, mas rompe uma dimensão muito maior no compromisso com o outro, que exige a caridade e a misericórdia.

A proposta de Jesus exige uma soma de pequenos gestos pessoais em favor das pessoas necessitadas economicamente e também espiritual-

³⁸ FRANCISCO. *Omèlie del mattino*. Vol. 4. Roma: Vaticana, 2014.



mente. A receita do Reino de Deus é uma transformação integral do ser humano, a partir do encontro e relacionamento recíproco entre as pessoas, o encontro do Evangelho e da vida concreta, no âmbito pessoal e social. O *primeirear* não é uma ação cômoda, mas faz com que cada pessoa sinta-se incomodada para querer encontrar os pobres e abandonados da sociedade. Contudo, constrói-se uma nova mentalidade, de passo a passo, dando a prioridade ao relacionar-se com os feridos e os pobres, e as suas realidades.

O rumo é criar esperança, que, sem o verbo *primeirear*, torna-se utópica. Porém, com essa tática evangelizadora, a esperança faz que, a cada pequeno gesto, crie-se um ato do desenvolvimento da pessoa humana nas suas relações pessoais, sociais e de contato direto com os pobres. A esperança de *primeirear* é alegre, generosa, ousada, cheia de amor, contagiante e provoca a Igreja a sair de si mesma, num compromisso relacional com as pessoas e a sociedade. O entusiasmo de cada pequena conquista é o que gera a esperança surgida, vencendo qualquer tristeza e comodidade que ameaçam de fazermos as palavras de Jesus serem sinal de transformação no mundo.

Referências

- APA. *DSM-V*. Porto Alegre: ArtMed, 2014.
- BERGOGLIO, J. M. *Sobre a acusação de si mesmo*. São Paulo: Ave Maria, 2013.
- _____. *Deus não se cansa de perdoar*: Mensagens de misericórdia. São Paulo: Ave Maria, 2014.
- BIRNHOTZ, J.; BENACERRAF, B. The development of human fetal hearing. *Science*, v. 222, p. 516-518, 1983.
- CARON, A.; CARON, R. F.; MACLEAN, D. Infant discrimination of naturalistic emotional expressions: The role of face and voice. *Child Development*, v. 59, p. 604-616, 1988.
- DE VRIES, J. I. P.; VISSER, G. H. A.; PRECHTL, H. F. R. The emergence of fetal behavior. I. Qualitative aspects. *Early Human Development*, v. 7, p. 301-322, 1982.
- DELL'AGLIO, D.D.; BRAGA, L. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Revista Contextos Clínicos*. Porto Alegre, v. 6, n.1, p. 2-14, 2013.



- DOLTO, F. *L'échec scolaire*. Paris: Vertiges du Nord, 1989.
- _____. *Psychanalyse et Pédiatrie*. Paris: Seuil, 1971.
- FIAMENGHI-JR, G.A.; SCASSIOTTI, A.P.; BERTOLO, F.Z.; OLIVEIRA, N.; ROMÃO, C. Representação da família brasileira na mídia. *Pensando Famílias*, v. 10, p. 87-99, 2006.
- FREUD, S. *Totem y Tabú*. Madri: Ballesteros, 1913.
- _____. *Tres ensayos para una teoría de la sexualidad*. Madri: Ballesteros, 1905.
- LACAN, J. Fonction et champ de la parole et du langage en Psychanalyse. In: J. LACAN, *Écrits*, v. I. Paris: Seuil, 1970.
- _____. *Les quatre concepts fondamentaux de la Psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973
- MURPHY, K. P.; SMYTHE, C. N. Response of foetus to auditory stimulation. *Lancet*, v. 5, p. 972-973, 1962.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. *Omèlie del mattino*. Vol. 2. Roma: Vaticana, 2013b.
- _____. *Omèlie del mattino*. Vol. 4. Roma: Vaticana, 2014.
- ROUDINESCO, E. *Pourquoi la Psychanalyse?* Paris: Fayard, 1999.
- SALK, L. Mothers' heartbeat as an imprinting stimulus. *Transactions of the New York Academy of Science*, v. 24, p. 753-763, 1962.
- SUZUKI, S.; YAMAMURO, T. Fetal movement and fetal presentation. *Early Human Development*, v. 11, p. 255-263, 1985.
- TREVARTHEN, C. Communication and cooperation in early infancy. A description of primary intersubjectivity. In: M. BULLOWA (Ed.), *Before speech: The beginnings of human communication*. London, Cambridge University Press, 1979.
- TREVARTHEN, C.; HUBLEY, P. Secondary intersubjectivity: confidence, confiders, and acts of meaning in the first year. In: M. BULLOWA (Ed.), *Before speech: The beginning of interpersonal communication*. New York, Academic Press, 1978.